

Autoridades polonesas debatem a renegociação

por Christopher Bobinski
do Financial Times

Uma polêmica no principal cenário econômico da Polônia, entre dois altos funcionários da área de finanças, proporcionou uma visão extremamente rara dos debates internos do governo sobre como lidar com a preocupante dívida externa de US\$ 28 bilhões.

A troca de opiniões entre o "chairman" do banco Handlowy, Kazimierz Goazewski, e o vice-chefe da comissão de planejamento em Zycie Gospodarcze, Stanislaw Dlugosz, ocorreu pouco antes de uma nova rodada de conversações sobre o reescalonamento da dívida com os governos ocidentais, programada para esta semana, em Paris.

Dlugosz, em um artigo publicado antes do Natal, indagou se a Polônia deveria ter pressa em relação às conversações de Paris, criticando a atual política de serviço da dívida, que está consumindo cerca de um terço dos rendimentos de exportação, como uma hemorragia que não levará a lugar algum.

MAIS RIGOR

A Polônia, de acordo com Dlugosz, deveria reduzir os pagamentos do serviço da dívida durante cinco a sete anos, exigindo um acordo de reescalonamento a longo prazo que transferisse os pagamentos para a próxima década, em termos melhores que os que estão sendo atualmente obtidos. O país, ao mesmo tempo, se concentraria na colaboração com o Comecon. O vice-chefe da comissão de planejamento também deu ênfase ao prosseguimento das restrições ocidentais sobre a venda de produtos poloneses, à falta de perspectivas sobre o aumento das receitas de exportação, em divisas fortes, nos próximos anos, e ao pessimismo quanto à captação de

novos empréstimos ocidentais.

Dlugosz assinalou que as sugestões de medidas de austeridade, como as formuladas por funcionários ocidentais ou o Fundo Monetário Internacional (FMI), não deveriam ser colocadas em vigor, diante da já drástica queda no consumo.

Em resposta, Goazewski defendeu os planos para acordos de reescalonamento sobre US\$ 5,8 bilhões da dívida, já negociados entre 1981 e 1983, advertindo que a política proposta por Dlugosz poderia prolongar a atual crise durante toda a próxima geração do país.

"RESIGNAÇÃO PASSIVA"

Nem o apoio do Comecon nem o comércio com o Terceiro Mundo, como sugerido por Dlugosz, capacitariam a Polônia a preencher a lacuna deixada pelo Ocidente, ressaltou Goazewski, acusando o funcionário de planejamento de adotar uma "resignação passiva" diante do problema da dívida.

O "chairman" do banco Handlowy argumentou que o nível relativamente alto dos pagamentos do serviço da dívida está sendo mantido de forma a garantir a reputação da Polônia como um devedor responsável. Também expressou que, nas conversações com os bancos ocidentais no presente ano, a Polônia pedirá o retorno às condições normais de comércio, assim como o restabelecimento de depósitos a curto prazo, retirados em 1981.

Goazewski não fez segredo de sua esperança de que as conversações com os governos e a eventual filiação ao FMI proporcionem "a ajuda financeira necessária e a um nível que nos permita, também no interesse de nossos credores, reestruturar nossa economia sob formas que favoreçam as exportações".